

Liturgia da proximidade: práticas celebrativas no espaço urbano

Douglas Azevedo Pereira¹

Resumo: Este artigo objetiva analisar como a celebração da fé pode mediar o reconhecimento da presença divina na cidade, superando a dicotomia tradicional entre o sagrado e o profano. Por meio de uma revisão bibliográfica teológico-pastoral, a investigação aborda os ritos como espaços de resistência, escuta e acolhida diante das complexidades metropolitanas. Conclui-se que uma liturgia encarnada, capaz de dialogar com as linguagens e os ritmos urbanos, é essencial para que a comunidade eclesial testemunhe que o Senhor, de fato, habita a cidade, transformando o asfalto em solo sagrado de encontro, justiça e esperança.

Palavras-chave: Espiritualidade metropolitana. Rito encarnado. Pastoral da escuta.

38

1 Introdução

A metrópole contemporânea lida frequentemente com o caos, o vazio existencial, o anonimato e a aparente ausência de Deus. No entanto, uma análise teológica profunda revela que a cidade não é apenas um aglomerado de concreto e tensões sociais, mas um verdadeiro *locus teológico* – um espaço geográfico e existencial onde a revelação divina pulsa e a história da salvação se desdobra. A cidade consolida-se como lugar de revelação para uma teologia urbana consistente, pois é nela que as pessoas sofrem, celebram e onde Deus se manifesta.

O grande impasse da espiritualidade moderna reside na persistente dicotomia entre o sagrado e o profano. Essa barreira invisível acaba por enclausurar a liturgia dentro das paredes do templo, reduzindo a experiência cristã a um rito isolado dos dramas do asfalto.

Diante desse cenário, este artigo propõe a Liturgia da Proximidade como a chave hermenêutica necessária para reconhecer o Deus que habita a cidade. Não se trata de uma nova técnica celebrativa, mas de uma postura existencial e pastoral. A tese aqui defendida é que o rito cristão só alcança sua plenitude quando se encarna na realidade urbana, tensionada por muros e desigualdades. A liturgia atua como o ponto de encontro entre o asfalto e o sagrado, fazendo com que a teologia pise no chão da realidade sociológica.

¹ Doutorando em Teologia Sistemático-Pastoral na PUC-Rio. E-mail: dazp.azevedo@gmail.com



2 A dicotomia: sagrado vs. profano na metrópole

2.1 O sagrado enclausurado e a cidade como deserto

Historicamente, o pensamento cristão ocidental muitas vezes caiu na armadilha de setorizar a presença de Deus. Nessa visão dualista, o templo é compreendido como o *témenos* – o recorte sagrado, o reduto da pureza, do silêncio e da ordem –, enquanto a cidade, com seu ruído, sua velocidade e seus conflitos, é tachada como o domínio do profano, um deserto espiritual ou um território hostil a ser evitado. Essa mentalidade gera o fenômeno do Sagrado Enclausurado: uma prática litúrgica que funciona como uma bolha protetora, onde o fiel se refugia temporariamente para escapar das pressões da realidade urbana.

Essa dicotomia é teologicamente perigosa porque esvazia o mundo da presença divina. Se o agir de Deus fica restrito ao perímetro arquitetônico do templo, o asfalto torna-se terra de ninguém. Consequentemente, a cidade passa a ser enxergada sob uma lente puramente secularizada, como lugar exclusivo do pecado, da violência ou do trabalho exaustivo, e perde-se a capacidade de percebê-la como um campo fértil de revelação e de graça.

2.2. A quebra de barreiras

Para romper com esse isolamento eclesial, é fundamental o diálogo com a Teologia da Cidade e com a espiritualidade da cotidianidade, superando as visões reducionistas e sintonizando a ação litúrgica com os apelos urbanos. Conforme discutido por Mendonça (2018, p. 45), a premissa central dessa abordagem é que o Evangelho não reconhece a existência de zonas neutras ou autônomas onde Deus não esteja previamente presente. O evento definitivo da Encarnação de Jesus Cristo abole qualquer separação absoluta entre o sagrado e o profano: ao assumir a carne humana e transitar pelo espaço público de seu tempo, Deus santifica a vida em sua totalidade.

A Teologia da Cidade convoca a comunidade cristã a compreender que a liturgia não deve funcionar como alienação ou fuga do urbano, mas como a celebração da vida cotidiana sob a luz da fé. O rito que acontece no domingo precisa fornecer as lentes teológicas e existenciais para que o fiel enxergue o sagrado na segunda-feira, em meio à sua rotina laboral. Se a liturgia não consegue dialogar explicitamente com as tensões, as fraturas, as alegrias e as dores da metrópole, ela se torna irrelevante e perde sua força transformadora.



2.3 A liturgia como ponte, não como muro

Dessa forma, a Liturgia da Proximidade propõe que o sagrado transborde therapeuticamente do templo para as calçadas. A cidade não é um território desprovido de transcendência, mas um lugar onde Deus frequentemente está oculto sob o manto da invisibilidade social, da exclusão econômica ou da correria desenfreada do cotidiano. Sob esta ótica, o sagrado deixa de ser definido por um local geográfico estático (o prédio eclesial) e passa a ser reconhecido como um evento de encontro e relacionamento. O profano, por sua vez, é resgatado e reintegrado: o trabalho, o lazer e a convivência urbana são reassumidos como matéria-prima legítima para a adoração e o louvor.

A barreira invisível entre o sagrado e o profano desmorona quando se compreende que o Deus habitador da cidade não exige que o cidadão se desvincule de seu contexto urbano para encontrá-Lo. Ao contrário, o Senhor convida a Igreja a percebê-Lo nas esquinas, nos rostos fatigados e na busca incessante da pólis por justiça e dignidade.

Essa mudança de perspectiva pastoral é amplamente respaldada pela *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco (2013, p. 53) convoca a comunidade eclesial a desenvolver um novo olhar teológico sobre o espaço urbano:

Deus habita na cidade, no meio de suas alegrias, desejos e esperanças, bem como no meio de suas dores e sofrimentos. [...] Esta presença não deve ser fabricada, mas descoberta, desvendada. Com ela não devemos ter medo de nos sintonizar, porque Deus já está na cidade, misturado com os seus dinamismos.

Esse olhar de descoberta exige da Igreja uma conversão dos sentidos. Martini (2002, p.14) corroborava essa tese ao propor que a metrópole, apesar de suas contradições, guarda um mistério que precisa ser discernido pela sensibilidade da fé. Para ele, a cidade é, simultaneamente, o lugar onde se manifesta a glória de Deus e o cenário da confusão de línguas babilônica. Diante disso, Martini argumentava que é preciso um olhar contemplativo para perceber, no meio do ruído, a música do Evangelho.

Para que esse olhar contemplativo não seja confundido com uma espiritualidade intimista, Ratzinger (2001), em sua clássica obra *O Espírito da Liturgia*, adverte sobre o caráter essencialmente cósmico e histórico do rito cristão. A atividade litúrgica impede que a comunidade se feche em si mesma, pois ela é, por natureza, abertura:



A Liturgia não é o auto entretenimento de uma comunidade. Ela é a abertura para o Todo, para a comunhão de todos os tempos e lugares. Mas essa universalidade só se torna real se for celebrada na concreção da história e da cultura humana (Ratzinger, 2001, p. 38).

É precisamente nessa concreção da história que se dá o resgate do espaço urbano. Mendonça (2018, p. 45) quebra a dualidade secularista que opõe a oração à vida nas ruas, oferecendo a síntese para a hermenêutica da proximidade: "A espiritualidade não é um retiro do mundo, mas uma imersão profunda nele. O sagrado não é o oposto do profano, é o profano visto com amor". Desse modo, a Liturgia da Proximidade unifica o altar e o asfalto. Ela oferece o instrumental simbólico para que a assembleia, purificada pelo rito, retorne às calçadas metropolitanas disposta a enxergar cada fragmento do cotidiano urbano como uma sarça ardente da manifestação divina.

3 Liturgia encarnada: o rito como espaço de resistência

3.1 O rito na cotidianidade: a teologia do gesto humilde

A liturgia não pode subsistir como um evento estático, restrito a uma coreografia sagrada alienada da história humana. Com base nas reflexões de Grillo (2007, p. 112), compreendemos que o mistério de Cristo se manifesta de forma potente nos gestos simples da cotidianidade urbana. Se a encarnação é o modelo teológico por excelência, a ação litúrgica da Igreja deve ser essencialmente carne:

A liturgia cristã perde sua força profética quando se isola no esteticismo do templo. O rito é essencialmente um corpo que se move no tempo e no espaço da história humana. Ele deve assumir os ritmos, as fraturas e as linguagens da existência concreta, oferecendo uma pausa que reordena o tempo da vida cotidiana (Grillo, 2007, p. 112).

Isso significa que o sagrado não se restringe celebração cúltica no templo, mas transparece no ato de repartir o tempo com quem tem pressa, no olhar de dignidade lançado ao marginalizado e na partilha do pão em mesas onde a exclusão costuma sentar-se. A Liturgia da Proximidade reconhece que o cotidiano da metrópole é o altar vivo onde o sacrifício do amor, da solidariedade e da compaixão é continuamente oferecido a Deus.

3.2. Linguagens e ritmos: a liturgia no pulso da cidade

Um dos grandes desafios da pastoral urbana reside na adaptação e na leitura dos ritmos metropolitanos. Diante da questão de como celebrar o Eterno em uma cidade definida pelo efêmero, a liturgia encarnada não tenta silenciar artificialmente o barulho da cidade, mas busca encontrar a harmonia interpretativa dentro dele.



No binômio a pressa e a pausa, o rito deve oferecer uma pausa profética na correria frenética do operariado, funcionando como um reordenamento saudável dos sentidos e dos afetos. Quanto ao barulho e à diversidade, a linguagem litúrgica precisa adotar a polifonia das ruas. Uma liturgia verdadeiramente urbana é feita de sons, cores, imagens e ritmos que refletem a diversidade cultural e a pluralidade das identidades que compõem o tecido social da pólis.

3.3. *Conexão com a justiça: a liturgia como ato de resistência*

Ao integrar a perspectiva sociológica de Santos (2010) à práxis eclesial, a liturgia urbana ganha uma densa dimensão de resistência política, ética e social. Em uma metrópole estruturada pela lógica do capital para produzir invisibilidade e descartar corpos considerados economicamente improdutivos, o ato litúrgico de ver o outro e celebrar com o outro assume o caráter de um gesto contracorrente e revolucionário. A atividade celebrativa atua como uma barreira mística e comunitária contra o que o autor denomina epistemicídio – isto é, a exclusão, o silenciamento e o apagamento das subjetividades e saberes que brotam das margens sociais.

Essa necessária fricção entre o rito e as estruturas de opressão urbana encontra eco na teologia social latino-americana. Como adverte Boff (2010, p. 189):

A celebração da fé cristã no ambiente urbano aliena-se se não fizer memória dos crucificados da cidade. O rito não é um anestésico social, mas um ato de resistência ético-espiritual que, ao reunir a comunidade, contesta as estruturas de exclusão e invisibilidade que a metrópole gera.

A celebração eclesial no espaço metropolitano não é um adorno estético para as elites ou um calmante espiritual para a classe trabalhadora. Ela é um ato público de resistência que proclama o senhorio absoluto do Deus da vida sobre as estruturas de morte da engrenagem urbana. Cada prece proferida no asfalto ergue-se como um protesto profético e uma afirmação da vitória pascal.

4 A pastoral da escuta e o reconhecimento da presença divina

4.1. *A escuta da cidade: o olhar que antecede o rito*

Antes que a Igreja possa celebrar legitimamente com a cidade, ela precisa passar pela pedagogia de ouvir a cidade. A pastoral urbana exige uma profunda conversão do olhar e do ouvido eclesiais. Frequentemente, as instituições eclesiais aproximam-se da metrópole oferecendo respostas prontas para perguntas que os cidadãos sequer formularam. A Liturgia da Proximidade inverte esse fluxo: ela nasce da escuta atenta das sementes do Verbo (*semina Verbi*) que já germinam no concreto. Como bem sintetiza Theobald (2016):



DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

A presença de Deus na metrópole pluralista precede a ação do evangelizador. Uma autêntica pastoral eclesial exige a hospitalidade da escuta, um aprendizado prévio dos dialetos da modernidade, para só então discernir as sementes do Evangelho que já operam secretamente no coração da cultura urbana.

Escutar a cidade significa perceber teologicamente os seus silêncios angustiantes e os seus gritos por justiça. Significa identificar os vestígios da presença de Deus nas manifestações culturais das periferias, na solidariedade espontânea e na resiliência daqueles que sobrevivem às margens do sistema.

43

4.2. O asfalto como solo sagrado: o encontro como evento litúrgico

Se assumimos a premissa teológica de que Deus habita a cidade, torna-se imperativo admitir que o asfalto, o concreto e o ferro são plenamente capazes de suportar e mediar a sacralidade. O encontro com o próximo na dinâmica urbana – seja no nó do trânsito, na plataforma do metrô ou no banco da praça – deixa de ser um evento fortuito ou incômodo para ser ressignificado como um evento litúrgico. A Liturgia da Proximidade entende, assim, que o envio final do rito (Ite, missa est) não representa um encerramento, mas o envio para a continuidade da celebração no vasto templo do asfalto.

4.3. Novos olhos para perceber as sementes do verbo

A pastoral urbana não possui a pretensão de levar Deus para os centros e periferias, como se Ele estivesse ausente dessas realidades antes da chegada da Igreja. O papel da comunidade eclesial é o de um catalisador de percepção espiritual. Através de uma presença sensível e descentrada, a Igreja ajuda a desvelar as sementes da verdade, da bondade e da beleza divina que já se expressam na arte urbana, nos movimentos sociais legítimos e na busca humana por transcendência em meio às pressões cotidianas.

O reconhecimento dessa presença prévia transforma a postura da Igreja: de juíza da moralidade urbana, ela passa a atuar como sua serva e profetisa. Ao receber o solo que pisa como sagrado, o fiel passa a caminhar pela metrópole com a mesma reverência com que caminha em direção ao altar, ciente de que cada interação humana é uma oportunidade de epifania. A cidade não é um território a ser colonizado religiosamente, mas um mistério a ser desvelado com humildade, reconhecendo que Deus chegou à periferia muito antes do missionário.



5 Considerações finais

A investigação sobre a cidade como *locus teológico* revela que o maior desafio da Igreja contemporânea, diante dos processos de metropolização, não é a escassez de espaços físicos ou de recursos, mas a falta de uma visão teológica renovada. A Liturgia da Proximidade não se apresenta como um novo ordenamento jurídico, mas como uma profunda conversão da sensibilidade eclesial. O objetivo final de tais reflexões e práticas não consiste em tentar levar Deus para a cidade, sob a falsa premissa de que Ele estaria ausente dos centros financeiros ou das periferias abandonadas. Pelo contrário, a missão precípua da liturgia é ajudar a própria cidade a perceber e conscientizar-se de que ela já é misteriosamente habitada por seu Criador. Ao romper decididamente com a dicotomia histórica entre o sagrado e o profano, a comunidade eclesial deixa de comportar-se como um gueto de refúgio psicossocial para se tornar um sinal vivo e profético do Reino de Deus em meio às contradições urbanas. Quando o rito cristão verdadeiramente se encarna, o asfalto deixa de ser apenas uma rota cinzenta de passagem ou exploração laboral e torna-se um lugar de epifania e revelação. A Pastoral da Escuta e as práticas celebrativas propostas para o espaço público constituem, em última análise, autênticos atos de resistência teológica e humanista contra os processos de despersonalização e desumanização das grandes cidades, proclamando que cada cidadão, independente de sua condição social, é portador da *Imago Dei*.

Referências

BOFF, Clodovis. **Teologia do Político**: Suas mediações teológico-pastorais. Petrópolis: Vozes, 2010.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**: Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Roma: Typis Vaticanis, 2013.

GRILLO, Andrea. **Introdução à Teologia Litúrgica**: O rito, a linguagem, o tempo. São Paulo: Paulinas, 2007.

MARTINI, Carlos Maria. **O olhar contemplativo na metrópole**. Milão: Centro Ambrosiano, 2002.

MENDONÇA, José Tolentino. **O Elogio da Sede**. São Paulo: Paulinas, 2018.

RATZINGER, Joseph. **O Espírito da Liturgia**. São Paulo: Loyola, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2010.

THEOBALD, Christoph. **O estilo santificador do Evangelho**: Um ensaio teológico sobre a pastoral atual. Brasília: Edições CNBB, 2016.

